

Capítulo 7

DESAFIOS DA TEXTUALIDADE DIGITAL:

QUESTÕES DE EDIÇÃO EMBASADAS EM

ROGER CHARTIER



DESAFIOS DA TEXTUALIDADE DIGITAL: QUESTÕES DE EDIÇÃO EMBASADAS EM ROGER CHARTIER

CHALLENGES OF DIGITAL TEXTUALITY: EDITING ISSUES BASED ON ROGER CHARTIER

Lígia Gomes do Valle¹

Resumo: O objetivo desse texto é discutir a textualidade digital na obra de Roger Chartier. O artigo mostrará que a obra do autor desempenha um papel fundamental ao explorar as complexidades e transformações da cultura escrita na era digital. Chartier analisa como a textualidade contemporânea se desenvolve e se manifesta por meio das novas tecnologias de comunicação, que permitem a disseminação rápida e acessível de informações. Ao examinar a interação entre o texto e o suporte digital, ele desafia concepções tradicionais de autoria, autenticidade e leitura, destacando como a digitalização modifica as práticas de produção, distribuição e consumo de texto. A obra de Chartier oferece uma perspectiva crítica e reflexiva sobre a natureza mutável da escrita e o impacto dessas mudanças em nossa sociedade contemporânea.

Palavras-chaves: textualidade digital. Roger Chartier. consumo de texto.

Abstract: The purpose of this text is to discuss the digital textualization in the work of Roger Chartier. The article will show the author's work plays a key role in exploring the complexities and transformations of written culture in the digital age. Chartier analyzes how contemporary textuality develops

¹ Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora e revisora de textos na DGA Acadêmico.



and manifests itself through new communication technologies, which allow the rapid and accessible dissemination of information. By examining the interaction between text and digital media, he challenges traditional conceptions of authorship, authenticity and reading, highlighting how digitization changes text production, distribution and consumption practices. Chartier's work offers a critical and reflective perspective on the changing nature of writing and the impact of these changes on our contemporary society.

Keywords: digital textuality. Roger Chartier. text consumption.

Introdução

O objetivo desse artigo é discutir a textualidade digital, a partir da teoria desenvolvida pelo pensador contemporâneo, Roger Chartier. A textualidade digital trouxe consigo uma série de desafios que afetam tanto os escritores quanto os leitores. Com o avanço da tecnologia e a crescente digitalização de informações, tornou-se comum nos depararmos com textos em formatos e contextos diversos, como e-mails, mensagens instantâneas, blogs, redes sociais e outros meios digitais. Essa multiplicidade de plataformas e formas de comunicação trouxe consigo um conjunto único de desafios que exigem habilidades adaptativas e uma compreensão mais profunda do meio digital.

Um dos principais desafios da textualidade digital está relacionado à comunicação efetiva. Com a limitação de espaço, é comum as pessoas utilizarem abreviações, acrônimos e emojis para expressar suas ideias e emoções. Essa condensação da linguagem pode gerar ambiguidades e dificultar a compreensão correta da mensagem transmitida. Além disso, a comunicação digital muitas vezes ocorre de forma assíncrona, o que pode levar a mal-entendidos e interpretações equivocadas.

Outro desafio é a preservação da autenticidade e da integridade dos textos. Com a facilidade de copiar, colar e editar informações na era digital, torna-se cada vez mais importante verificar a fonte

e a veracidade dos textos que encontramos. A disseminação de notícias falsas e desinformação é um problema crescente, e os leitores precisam desenvolver habilidades críticas para avaliar a confiabilidade das informações encontradas online.

A fragmentação da leitura é mais um desafio enfrentado na textualidade digital. Ao contrário da leitura em formato impresso, na qual o leitor costuma dedicar mais tempo e atenção à leitura contínua, a leitura digital muitas vezes é interrompida por links, anúncios e distrações que competem pela atenção do leitor. Essa fragmentação pode afetar a compreensão e a absorção do conteúdo, tornando necessário desenvolver estratégias de leitura mais focadas e adaptadas ao ambiente digital.

A diversidade de formas de expressão também é um desafio na textualidade digital. Através de memes, gifs, vídeos curtos e outras mídias digitais, as pessoas podem se comunicar de maneiras não tradicionais, explorando o poder das imagens e da cultura visual. No entanto, essa diversidade também pode dificultar a interpretação e a compreensão, já que cada formato possui suas próprias convenções e códigos de comunicação.

Por fim, a questão da privacidade e da segurança é um desafio inerente à textualidade digital. A facilidade de compartilhar informações e a coleta de dados por parte de empresas e instituições levantam preocupações sobre a proteção dos dados pessoais e a possibilidade de uso indevido das informações fornecidas.

Em resumo, os desafios da textualidade digital são numerosos e complexos. Exigem dos escritores habilidades adaptativas e uma compreensão profunda das peculiaridades do meio digital, enquanto os leitores devem desenvolver competências críticas para avaliar a confiabilidade das informações e adaptar suas estratégias de leitura. A superação desses desafios requer um equilíbrio e esforço de adaptação e aprendizado contínuo, além da conscientização sobre os possíveis impactos negativos da textualidade digital.

Uma abordagem para lidar com esses desafios é promover a educação digital. É fundamental que as pessoas sejam capacitadas para utilizar a tecnologia de forma consciente e crítica, entendendo

os riscos e as oportunidades que a textualidade digital oferece. Isso inclui o desenvolvimento de habilidades de leitura crítica, pensamento analítico e capacidade de discernimento diante das informações disponíveis.

Além disso, é importante que os escritores se adaptem ao meio digital, utilizando técnicas adequadas para a comunicação efetiva. Isso inclui ser claro e objetivo, evitar ambiguidades, adaptar-se às características do formato digital e utilizar ferramentas disponíveis, como corretores ortográficos e gramaticais, para garantir a qualidade do texto.

Os desenvolvedores de plataformas digitais também têm um papel fundamental na melhoria da textualidade digital. Eles podem investir em recursos que facilitem a comunicação clara e efetiva, bem como em ferramentas que auxiliem os leitores na verificação da autenticidade das informações e na proteção de sua privacidade.

Por fim, é importante que os usuários sejam conscientes de sua própria responsabilidade ao utilizar a textualidade digital. Isso inclui verificar as fontes das informações antes de compartilhá-las, pensar criticamente sobre o conteúdo que consomem e compartilham, e proteger sua privacidade ao utilizar plataformas digitais.

Embora os desafios da textualidade digital sejam reais, também é importante reconhecer as vantagens e os benefícios que ela traz. A digitalização dos textos ampliou o acesso à informação, possibilitou a comunicação em tempo real em qualquer lugar do mundo e abriu espaço para novas formas de expressão e interação social. Compreender e enfrentar esses desafios é essencial para aproveitar ao máximo as oportunidades oferecidas pela textualidade digital e garantir uma comunicação clara, autêntica e segura no ambiente virtual.

A obra de Roger Chartier

Roger Chartier é um renomado historiador e teórico da cultura, nascido em Lyon, na França,



em 1945. Seu trabalho abrange uma ampla gama de temas relacionados à história do livro, leitura, escrita, cultura impressa e a transformação desses aspectos no contexto da era digital. Ele é reconhecido por sua contribuição para o campo da história cultural e sua análise das práticas de leitura e escrita ao longo do tempo.

Uma das principais contribuições de Chartier (2002) está em sua abordagem interdisciplinar, que combina história, sociologia, antropologia e teoria literária para compreender o papel dos textos e sua recepção em diferentes contextos culturais. Ele explora como as práticas de leitura e escrita foram moldadas pelas condições sociais, políticas e econômicas em diferentes períodos históricos.

Chartier (2002) examina criticamente a relação entre poder e cultura impressa. Ele analisa como as formas de escrita e impressão influenciaram a disseminação de ideias, a formação de identidades culturais e as estruturas de poder ao longo do tempo. Seus estudos revelam como a leitura e a escrita têm sido utilizadas como ferramentas de dominação e resistência em diversos contextos históricos.

Um dos trabalhos mais conhecidos de Chartier é o livro “A história cultural: entre práticas e representações”, publicado em 1988. Nessa obra, ele propõe uma nova abordagem para a história cultural, analisando as práticas culturais do ponto de vista dos atores sociais e suas representações simbólicas. O livro se tornou uma referência importante para estudiosos interessados nas interações entre cultura, poder e sociedade.

Outra contribuição relevante de Chartier (2002) é sua reflexão sobre a leitura e a recepção dos textos. Ele investiga como os leitores interpretam e constroem significados a partir dos textos que encontram, levando em consideração suas experiências, contextos sociais e históricos. Ele demonstra que a leitura não é um processo passivo, mas sim uma prática ativa que envolve negociações e interpretações.

Nos últimos anos, Chartier (2017) também tem se dedicado ao estudo das transformações provocadas pela digitalização dos textos e o impacto das novas tecnologias na cultura impressa. Ele

analisa as mudanças nas práticas de leitura, escrita e disseminação de informações nesse novo contexto digital, refletindo sobre os desafios e as possibilidades que surgem com essas transformações.

Em resumo, a obra de Roger Chartier (2002) é marcada por sua visão interdisciplinar e sua abordagem crítica das práticas culturais, especialmente no que se refere à leitura, escrita e cultura impressa. Seus estudos contribuem para uma compreensão mais profunda dos processos históricos e sociais que moldaram a relação entre textos, leitores e poder, bem como as transformações que ocorrem na era digital.

Crítica de Roger Chartier e a textualidade

As questões de edição são de suma importância para a compreensão e disseminação de textos ao longo da história. Chartier (2017) aborda essas questões de forma fundamentada e crítica em seus estudos. Sua perspectiva interdisciplinar e sua análise das práticas de leitura e escrita fornecem insights valiosos para entender o papel da edição na formação e circulação dos textos.

Uma das principais contribuições de Chartier (2010) para o estudo da edição está relacionada à compreensão de como as escolhas editoriais afetam a recepção e interpretação dos textos. Ele argumenta que as edições não são meramente reproduções fiéis de um original, mas sim uma forma de intervenção que molda a maneira como um texto é lido e compreendido.

Chartier (2010) destaca que os editores têm um papel ativo na seleção, organização e apresentação dos textos. Eles fazem escolhas em relação ao conteúdo, à estrutura, à linguagem e ao aparato crítico, influenciando assim a interpretação dos leitores. Essas escolhas podem ser baseadas em critérios estéticos, ideológicos, comerciais ou outros, o que evidencia o aspecto seletivo e interpretativo da edição.

Além disso, Chartier (2010) ressalta que as práticas editoriais variam ao longo do tempo e são influenciadas por fatores sociais, políticos e culturais. As convenções editoriais, os padrões de

apresentação e até mesmo a tecnologia disponível desempenham um papel crucial na forma como os textos são editados e distribuídos. Esses aspectos têm implicações significativas na recepção e na construção de significados atribuídos aos textos.

Outro aspecto relevante em seus estudos é a discussão sobre a autoridade do editor e as questões de autoria. Chartier (2010) destaca que a figura do editor muitas vezes assume um papel de autoridade, exercendo poder sobre o texto. Essa autoridade pode se manifestar na seleção de textos canônicos, na criação de edições críticas ou na definição de normas editoriais. A reflexão sobre essas relações de poder é fundamental para entender como a edição pode influenciar a forma como os textos são interpretados e recebidos.

No contexto da era digital, Chartier (2010) também investiga as mudanças trazidas pela tecnologia para a prática editorial. A digitalização dos textos e a disponibilidade de online levantam questões sobre a autenticidade, a acessibilidade e a preservação dos textos. Além disso, a disseminação rápida e ampla dos textos na internet coloca em evidência os desafios relacionados à verificação de fontes e à qualidade editorial.

Em suma, as questões de edição embasadas em Chartier (2010) nos convidam a refletir sobre o caráter interpretativo e seletivo da edição, bem como as relações de poder envolvidas nesse processo. Seus estudos oferecem uma base sólida para compreendermos a importância da edição na formação dos textos e como as escolhas editoriais influenciam a recepção e a interpretação dos leitores. Essas reflexões são essenciais para uma abordagem crítica e contextualizada da edição, tanto no âmbito impresso quanto digital.

Com base nas ideias de Chartier (2010), é fundamental reconhecer que a edição não é um mero ato de reprodução, mas sim um processo de mediação entre o texto e o leitor. Os editores desempenham um papel ativo na seleção, organização e apresentação dos conteúdos, exercendo influência direta sobre a forma como os textos são interpretados e compreendidos.

A compreensão da natureza interpretativa da edição nos leva a questionar as escolhas edi-

toriais subjacentes. Os editores devem considerar cuidadosamente as implicações de suas decisões, levando em conta os objetivos e os valores que desejam transmitir por meio do texto. A seleção de trechos, a adição de notas explicativas, a escolha de traduções e o design gráfico são algumas das muitas decisões que moldam a recepção do leitor.

Outro ponto relevante é a reflexão sobre a autoridade do editor. A figura do editor historicamente desempenhou um papel de poder na determinação da autoria e na definição do cânone literário. No entanto, é importante questionar essa autoridade e considerar a importância de vozes e perspectivas marginalizadas ou silenciadas pela tradição editorial.

No contexto da era digital, a edição enfrenta desafios específicos. A digitalização dos textos e a disponibilidade de plataformas online proporcionam uma democratização do acesso à leitura, mas também levantam questões sobre a autenticidade dos textos e a qualidade editorial. A proliferação de informações na internet requer uma maior responsabilidade dos editores em relação à verificação de fontes e à seleção de conteúdo confiável.

Além disso, a edição digital permite uma maior flexibilidade na apresentação e interação com os textos. — oferecem novas possibilidades de exploração e compreensão dos conteúdos. No entanto, isso também exige uma abordagem cuidadosa para preservar a coerência e a integridade dos textos diante das múltiplas opções de leitura e interpretação.

Em suma, as questões de edição embasadas nas reflexões de Roger Chartier (2010) nos convidam a repensar a edição como um processo ativo e interpretativo. A edição não é um ato neutro, mas sim um ponto de partida para a compreensão e a interpretação dos textos. Ao considerar as escolhas editoriais, a autoridade do editor e as transformações trazidas pela era digital, podemos avançar em direção a uma abordagem mais crítica e consciente da edição, buscando promover uma leitura mais informada, inclusiva e significativa.

Chatier e as Práticas culturais

Contudo, o trabalho essencial de Chartier (201) para a História Cultural reside na formulação das ideias complementares de “práticas” e “representações”. Segundo essa perspectiva teórica, a cultura (ou as diversas formações culturais) pode ser examinada no contexto da interação entre esses dois polos. Tanto os objetos culturais são produzidos “entre práticas e representações”, como os sujeitos envolvidos na produção e recepção da cultura circulam entre esses dois polos, que correspondem, de certa forma, aos “modos de fazer” e aos “modos de ver”. É crucial esclarecer essas duas noções que hoje são de suma importância para os historiadores culturais.

O que são as “práticas culturais”? É importante considerar que essa noção não se limita apenas às instâncias oficiais de produção cultural, instituições diversas, técnicas e realizações (como os objetos culturais produzidos por uma sociedade), mas também aos costumes e usos que caracterizam a sociedade examinada pelo historiador. Práticas culturais não se restringem apenas à criação de um livro, a uma técnica artística ou a um método de ensino, mas também incluem a forma como as pessoas falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, mostram solidariedade ou hostilidade, adoecem ou morrem, tratam os doentes mentais ou recebem os estrangeiros.

Para ilustrar esse conceito, vamos analisar as “práticas culturais” (ou, neste caso, as “práticas sociais”) que se entrelaçaram na Europa Ocidental durante um período que abrange a Idade Média e o período moderno, em relação à aceitação ou rejeição da figura do “mendigo”.

Do final do século XI ao início do século XIII, os pobres - incluindo os mendigos - desempenhavam um papel vital e integrado nas sociedades cristãs da Europa Ocidental. Sua existência social era justificada como fundamental para a “salvação dos ricos”. Conseqüentemente, os mendigos - pelo menos aqueles conhecidos - eram bem acolhidos na sociedade medieval. Toda comunidade, cidade ou mosteiro queria ter seus mendigos, pois eram vistos como uma conexão entre o céu e a terra - instrumentos pelos quais os ricos poderiam exercer a caridade para expiar seus pecados.

Essa visão do pobre como um “instrumento de salvação para o rico”, adiantemos desde já, é uma “representação cultural”. Trata-se indiscutivelmente de uma tarefa urgente nos dias atuais, em um momento em que as práticas da escrita estão profundamente perturbadas. As transformações do nosso presente afetam simultaneamente os meios de escrita, as técnicas de reprodução e disseminação, bem como os modos de leitura. Essa simultaneidade é algo inédito na história da humanidade. A invenção da imprensa não alterou as estruturas fundamentais do livro, que continuou a ser composto por cadernos, folhetos e páginas, reunidos em um único objeto, tanto antes como depois de Gutenberg.

Nos primeiros séculos da era cristã, surgiu uma nova forma de livro, o codex, que gradualmente substituiu o rolo. No entanto, essa mudança não foi acompanhada por uma transformação na técnica de reprodução dos textos, que ainda era feita manualmente por meio de cópias manuscritas. Embora a leitura tenha passado por várias revoluções reconhecidas pelos historiadores, todas ocorreram ao longo do período do codex. Alguns exemplos são as conquistas medievais da leitura silenciosa e visual, o fervor pela leitura durante o Iluminismo e, a partir do século XIX, a popularização da leitura entre os recém-chegados, como as classes populares, as mulheres e as crianças dentro e fora da escola.

Ao romper a antiga conexão estabelecida entre textos e objetos, entre discursos e sua materialidade, a revolução digital exige uma revisão radical dos gestos e conceitos que associamos à escrita. Apesar das tentativas do vocabulário de acomodar a novidade, designando-a com palavras familiares, os fragmentos de texto exibidos na tela não são mais páginas, mas composições singulares e efêmeras. Ao contrário de seus predecessores, como o rolo ou o codex, o livro eletrônico não se distingue mais imediatamente pela sua forma material das outras formas de produção escrita.

A descontinuidade também existe nas aparentes continuidades. Ao olhar para a tela, a leitura se torna fragmentada e segmentada, mais ligada ao fragmento do que à totalidade. Por essa razão, poderíamos dizer que ela é a herdeira direta das práticas permitidas e incentivadas pelo códex? Afinal, o códex convida a folhear os textos, seja consultando índices ou saltando de um trecho a outro,

como disse Montaigne. O códex convida à comparação de várias passagens, como na leitura tipológica da Bíblia, ou à extração e cópia de citações e sentenças, como exigia a técnica humanista dos lugares-comuns. No entanto, a semelhança morfológica não deve nos enganar. A descontinuidade e a fragmentação da leitura não têm o mesmo significado quando acompanhadas pela percepção da totalidade textual contida no objeto escrito, ao passo que a superfície luminosa que apresenta os fragmentos de escrita na leitura digital não revela imediatamente os limites e a coerência do corpus ao qual pertencem.

O sonho da biblioteca universal parece estar mais próximo de se tornar realidade hoje do que nunca antes, até mesmo mais próximo do que na Alexandria dos Ptolomeus. A conversão digital das coleções existentes promete a criação de uma biblioteca sem limites, onde todas as obras publicadas um dia e todos os escritos que compõem o patrimônio da humanidade podem ser acessados. Essa ambição é grandiosa, e como escreveu Borges: “quando foi proclamado que a Biblioteca incluiria todos os livros, a primeira reação foi uma alegria extravagante”. No entanto, a segunda reação provavelmente é a questionamento sobre a violência que esses textos estão sujeitos ao serem apresentados em formas que não são mais aquelas encontradas pelos leitores do passado. Alguns podem argumentar que essa mutação já tem precedentes, uma vez que os leitores medievais e modernos se apropriaram de obras antigas em livros que não eram mais os rolos originais de sua circulação, mas sim cópias. Isso é verdade. No entanto, para entender o significado que os leitores atribuíram aos textos que leram, é necessário proteger, preservar e compreender os objetos escritos que os trouxeram. A “alegria extravagante” despertada pela biblioteca universal pode se transformar em uma impotente amargura se isso resultar no relegamento ou, pior ainda, na destruição dos objetos impressos que ao longo do tempo alimentaram os pensamentos e sonhos daqueles que os leram. Essa ameaça não é universal e os incunábulo não têm motivos para temer, mas o mesmo não pode ser dito para publicações mais humildes e recentes, sejam elas periódicas ou não.

Essas questões já foram amplamente discutidas em inúmeros discursos que tentam, por meio



de sua abundância, enfrentar a anunciada extinção do livro, da escrita e da leitura. O deslumbramento diante das incríveis promessas da navegação pelos arquipélagos de textos digitais foi confrontado com a nostalgia por um mundo da escrita que aparentemente já perdemos. Mas será realmente necessário escolher entre entusiasmo e lamentação? Talvez seja útil convocar a única competência da qual os historiadores podem se orgulhar para melhor compreender as grandezas e misérias do presente. Eles sempre foram profetas lamentáveis, mas, às vezes, ao nos lembrarem que o presente é construído a partir de passados sedimentados ou entrelaçados, eles contribuiram para um diagnóstico mais claro das novidades que seduziam ou assustavam seus contemporâneos. É essa audaciosa certeza que me dá coragem ao entrar neste ensaio.

Roger Chartier e a democratização da informação

Em suas reflexões, Chartier (2017) destaca que os textos digitais são caracterizados por sua natureza mutável e por sua capacidade de serem constantemente modificados, reproduzidos e compartilhados. Chartier (2017) ressalta a importância de considerar o contexto de produção e recepção desses textos, bem como as práticas sociais e culturais que os cercam. Ele enfatiza que a leitura dos textos digitais exige uma abordagem crítica, atenta às estratégias de manipulação e seleção de informações. Além disso, Chartier (2017) destaca que a democratização do acesso aos textos digitais traz consigo desafios e oportunidades para a disseminação do conhecimento e a participação ativa dos leitores. Em suma, suas reflexões sobre os textos digitais destacam a importância de analisar criticamente seu impacto na cultura e na sociedade contemporânea.

Roger Chartier (2017) destaca a importância de compreender o livro digital como uma forma intermediária no mundo digital. Embora existam discussões sobre a forma digital de algo já existente, como o livro impresso, Chartier (2017) ressalta que ainda são raros os exemplos concretos de livros digitais originais, tanto na ficção quanto nas ciências humanas. Ele observa que a baixa participação

dos e-books nas vendas totais de livros pode ser relativizada, considerando-se as novas formas de edições digitais que não são contabilizadas nas estatísticas tradicionais. Chartier (2017) enfatiza que o mundo digital vai além dos livros, jornais e revistas, sendo caracterizado pela digitalização das relações entre indivíduos e instituições. Nesse contexto, é fundamental discutir a cultura escrita no campo digital, embora se reconheça que ela ainda ocupa uma posição marginal. A flexibilidade do texto digital possibilita a participação ativa dos leitores e a criação de comunidades digitais de autores e editores, porém desafia conceitos estabelecidos desde o século XVIII, como a noção de autor, originalidade e propriedade intelectual. A resistência das comunidades digitais à propriedade intelectual coloca em questão a introdução desses conceitos no mundo digital.

É necessário ressaltar, primeiramente, que a revolução digital causou uma transformação abrangente: mudou os suportes da escrita, as técnicas de reprodução e disseminação, assim como os métodos de leitura. Essa simultaneidade é inédita na história da humanidade. A invenção da imprensa não alterou as estruturas essenciais do livro, que, tanto antes como depois de Gutenberg, consistia em folhas e páginas agrupadas em um único objeto. Nos primeiros séculos da era cristã, uma nova forma de livro, o códex, substituiu o rolo, porém não foi acompanhada por uma transformação na técnica de reprodução de textos, que continuava a ser realizada por meio de cópias manuscritas. Embora a leitura tenha passado por várias revoluções ao longo do tempo, identificadas e debatidas por historiadores, todas ocorreram durante a era do códex, como as conquistas medievais da leitura silenciosa e visual, a paixão pela leitura que caracterizou o Iluminismo, ou o acesso à leitura por parte dos recém-chegados a partir do século XIX, como as classes populares, mulheres e crianças, tanto dentro como fora do ambiente escolar.

Na cultura impressa, conforme a conhecemos, essa ordem é estabelecida a partir da relação entre tipos de objetos (livro, diário, revista), categorias de textos e formas de leitura ou uso. Essa ligação está enraizada em uma longa história da cultura escrita e resulta da consolidação de três inovações fundamentais: primeiro, entre os séculos II e IV, a disseminação de um novo tipo de livro, o



qual ainda é o nosso, ou seja, o livro composto por folhas e páginas reunidas em uma encadernação conhecida como códex, substituindo os rolos da Antiguidade grega e romana; segundo, no final da Idade Média, antes da invenção da imprensa, nos séculos XIV e XV, o surgimento do “livro unitário”, ou seja, a presença, dentro de um único livro manuscrito, de obras compostas em língua vulgar por um único autor (como Petrarca, Boccaccio, Christine de Pisan), embora anteriormente essa relação fosse característica apenas das autoridades canônicas antigas e cristãs e das obras em latim; e, por fim, no século XV, a invenção da imprensa, que continua sendo até hoje a técnica mais utilizada para a produção de livros. Somos herdeiros dessa história tanto na definição do livro, que é simultaneamente um objeto material e uma obra intelectual ou estética, um “opus mechanicum” e um discurso, como na percepção da cultura escrita, que se baseia em distinções claras entre diferentes objetos (cartas, documentos, diários, revistas, livros).

Ao romper o antigo vínculo entre o texto e o objeto, entre cada discurso e sua materialidade específica, a revolução digital exige uma revisão profunda dos gestos e conceitos associados à escrita. Apesar da tendência do vocabulário em tentar domesticar essa novidade, atribuindo-lhe palavras familiares (página, livro, imprimir), os fragmentos de texto exibidos nas telas não são páginas, mas sim composições únicas e efêmeras. E, ao contrário de seus predecessores, o rolo e o códex, o livro eletrônico não se distingue das outras manifestações escritas pela evidência de sua forma material.

Aproveitando essas mudanças, o mundo digital pode tornar realidade os sonhos, nunca antes alcançados, que o antecederam. Assim como a Biblioteca de Alexandria, ele promete a disponibilidade universal de todos os textos já escritos, de todos os livros já publicados. Da mesma forma que as práticas dos humanistas renascentistas, o mundo digital possibilita a colaboração do leitor, que pode escrever diretamente no texto aberto e na biblioteca sem fronteiras dos escritos eletrônicos. Como o projeto dos filósofos iluministas, ele estabelece um espaço público no qual, conforme desejado por Kant, cada indivíduo pode e deve fazer uso público de sua razão, sem restrições ou exclusões, e comunicar por escrito suas opiniões.

Nesse sentido, o mundo digital vai além de ser apenas uma nova técnica de composição, transmissão e apropriação da escrita. Certamente, possibilita a digitalização de textos já escritos, a produção de textos criados digitalmente ou práticas de escrita inovadoras, como os blogs e redes sociais. Entretanto, também impõe uma transformação das categorias mais fundamentais da experiência humana, como as noções de amizade multiplicada ao infinito, identidade ou intimidade, que podem ser ocultas ou exibidas, e ainda a criação de novas formas de cidadania - ou de controle e censura.

Considerações Finais

A textualidade digital trouxe consigo uma série de impactos, tanto positivos quanto negativos, que moldaram significativamente a forma como nos envolvemos com a escrita e a leitura. Vamos analisar alguns desses impactos a seguir.

Impactos positivos:

Acessibilidade e disseminação do conhecimento: A textualidade digital proporcionou um acesso sem precedentes a uma vasta quantidade de informações e conhecimentos. Através da internet, é possível obter facilmente materiais educacionais, artigos científicos, livros e obras literárias, ampliando o alcance do conhecimento para um público global. Isso contribui para a democratização do aprendizado e da cultura.

Colaboração e interatividade: A natureza digital dos textos possibilitou uma maior interação e colaboração entre os leitores. Comentários, fóruns de discussão, compartilhamento de ideias e trabalhos coletivos se tornaram mais acessíveis. Essa interatividade permite a troca de perspectivas, a criação coletiva e o enriquecimento das obras por meio do engajamento dos leitores.

Flexibilidade e adaptação: A textualidade digital oferece a flexibilidade de adaptar o formato



e a apresentação do texto de acordo com as necessidades e preferências individuais. É possível ajustar o tamanho da fonte, escolher diferentes estilos de leitura (e-books, blogs, sites) e utilizar recursos multimídia, como vídeos, imagens e áudios. Isso torna a experiência de leitura mais personalizada e versátil.

Facilidade de compartilhamento e distribuição: Com apenas alguns cliques, é possível compartilhar textos digitais com pessoas ao redor do mundo. Isso facilita a disseminação de ideias, o compartilhamento de histórias e o alcance de um público mais amplo. A velocidade e a abrangência da distribuição digital contribuem para a divulgação de obras e a conexão entre escritores e leitores.

Impactos negativos:

Dificuldade de concentração: A abundância de informações e distrações online pode prejudicar a capacidade de concentração e leitura profunda. O ambiente digital muitas vezes promove uma leitura superficial e fragmentada, com pulos rápidos entre diferentes conteúdos. Isso pode diminuir a compreensão e a absorção do texto, afetando a capacidade de reflexão crítica.

Validade e confiabilidade do conteúdo: Com a facilidade de publicação online, há uma proliferação de informações não verificadas e falsas. A falta de filtros e a disseminação rápida de notícias e textos duvidosos podem comprometer a confiabilidade e a precisão do conteúdo digital. Isso exige um maior senso de discernimento por parte dos leitores na avaliação da qualidade e validade das informações encontradas.

Dependência tecnológica: A textualidade digital está intimamente ligada à tecnologia e, portanto, estamos sujeitos a problemas técnicos, como falhas de internet, falta de energia ou obsolescência de dispositivos. Além disso, a dependência excessiva de dispositivos eletrônicos para leitura pode levar a problemas de saúde, como a fadiga ocular ou a redução do tempo dedicado a atividades físicas e sociais.

Perda do suporte material e sensorial: Com a predominância dos textos digitais, há uma perda da experiência tátil e sensorial associada ao manuseio de livros físicos. O cheiro das páginas, a textura do papel e a sensação de folhear um livro podem ser substituídos pela frieza e impessoalidade das telas. Isso pode afetar a conexão emocional e a apreciação estética que muitos encontram na leitura tradicional.

Em conclusão, a textualidade digital trouxe mudanças significativas na forma como escrevemos, lemos e interagimos com os textos. Embora apresente benefícios em termos de acessibilidade, colaboração e flexibilidade, também enfrenta desafios em relação à concentração, confiabilidade do conteúdo, dependência tecnológica e perda de experiências sensoriais. É importante equilibrar os aspectos positivos e negativos, explorando o potencial da textualidade digital enquanto valorizamos as vantagens da leitura e escrita tradicionais.

Referências Bibliográficas

CHATIER, R. História da Leitura no Mundo Ocidental. São Paulo: Ática: 2002.

CHATIER, R. A história cultural: entre práticas e representações. São Paulo: Apicuri, 2010.

CHATIER, R. Novas tecnologias e a história da cultura escrita. *Obra, leitura, memória e apagamento. Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, São Paulo, v.35, n.71, p.17-29, 2017.